ANO II — Lisboa—Quinta-feira, 11 de Abril de 1918 — N.º 339

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 134

Editor — João M. Santos

Telefone: C. 1035

O problema economico

Latinismo e Germanismo

Ha perto de quatro anos que rebentou a tremenda conflagração europea. De então para cá, postos em conflito o génio latino e o génio germanico, a cada momento se fala em germanofilismo e germanofobismo. E.n Portugal, como lá fóra, encontra-se de tudo: admiradores da Alemanha e admiradores da França, em que, hoje mais que nunca, se encarna o genio latino.

Seguindo um já velho sistema de afirmações falsas ou pelo menos gratuitas, os nossos republicanos enveredaram pelo caminho da calunia acusando cinicamente todas as monarquicos de germanofilismo. No momento sagrado em que se decide o destino da patria essa gente não hesitou em lançar mão duma nova arena politica que consolidasse os seus partidos, embora á custa do descredito nacional. Para ferir de morte os monarquicos acusam-nos de germanofilos, pintando aos estrangeiros a nossa patria como um país onde os unicos defensores da civilisação latina são eles proprios — os republicanos.

Portugal lá fóra, para quem ouvir as afirmações do sr. Magalhães de Lima, Xavier de Carvalho e outros, é um país onde uma maioria, ou pelo menos um grandissimo numero de germanofilos criam dificuldades sucessivas ao governo. Era isto o que sucedia no tempo do Mando Democratico, é isto o que, hoje mais que nunca, os mesmos democraticos pretendem acentuar com um longo cortejo de agravantes.

Pois nunca será de mais repetir a essa gente que os monarquicos não são germanofilos! Mas uma diferença enorme existe entre o nosso e o seu latinofilismo! Eles são germanofobos, anglofilos, etc., desde ha muito pouco tempo e apenas porque taes sentimentos lhes são ditados pelo seu interesse partidario, que é o interesse exclusivo da seita. Defensores do genio latino os Apostolos da Sociedade das Nações, os internacionalisadores da democracia e da Maçonaria! Como se da Sociedade das Nações eles pretendessem ha quatro anos excluir os germanos, como se a democracia não fosse um producto mais ou menos germanico *como se nas lojas maçonicas não fossem todos irmãos* — latinos e germanos!

Outras são as razões de ser do nosso latinismo, que é consciente, permanente e resultante do conhecimento e da analise dos factos historicos. E as causas que não fazem acima de tudo admiradores do genio latino, a nós Monarquicos, nunca poderiam levar ao mesmos sentimentos um republicano sincero porque a isso se oporiam as suas ideas e os seus sentimentos democraticos.

Uma rapida analise das razões do nosso latinismo.

Nas modernas sociedades ha dois ideaes opostos e quasi egualmente fortes — um ideal de perfeição e um ideal de força. O primeiro impõe-nos a beleza, a verdade, a justiça; a perfeição moral; alimenta os sentimentos religiosos, artisticos, intelectuais, altruistas, etc. O segundo ideal impõe-nos a grandeza material e fisica, a enormidade o que é colossal; provoca sentimentos guerreiros que façam triunfar a maior energia, a maior quantidade, sem olhar á qualidade. O ideal de perfeição é proprio dos latinos, veio até nós trazido pelas virtudes da raça e é principalmente constituido por uma longa tradição intelectual, literaria, artistica, religiosa, juridica e politica. O ideal de força é muito mais recente, nasceu á medida que os homens se convenceram de que podem dominar até as forças da natureza. Perante a realisação de tanta maravilha, graças a algumas importantes descobertas, julgaram que o mais alto ideal a que a Humanidade podia aspirar era o aumento ilimitado do poder. O ideal de força é um produto dos dois ultimos seculos e é *caracteristicamente* um ideal germanico, ao passo que o velho ideal de perfeição, é ainda hoje, na Europa pelo menos, acentuadamente exclusivo dos povos latinos.

A Alemanha, na Europa, os Estados Unidos, na America, são os dois paizes onde o ideal de força tem exercido uma palpavel influencia. Mas, emquanto na America esse ideal foi aplicado quasi exclusivamente no campo financeiro e industrial, na Alemanha esse mesmo ideal foi alem disso aplicado ali aos ultimos extremos: o exercito e a guerra. O extraordinario desenvolvimento industrial, e economico dum modo geral, observado na Alemanha nos ultimos anos, só pode ser devidamente comprendido se nos não esquecermos da influencia exercida sobre os germanos pelo ideal de força.

Esta oposição de idéas entre latinos e germanos deve logicamente provocar um conflito. E foi na verdade um conflito de ideais que provocou a guerra.

Aplicado no campo economico o *ideal de força* originou na Alemanha dois processos muito peculiares e muito caracteristicamente alemães — são eles o *dumping* e a *falsificação*.

Tem-se afirmado, e com certa razão, que esta guerra tem antes de mais nada uma causa economica. Sendo assim não será insólita a nossa afirmação de que para o desencadear da tormenta contribuiu o *dumping* e a *falsificação* usada pela Alemanha.

Com uma industria extremamente desenvolvida e em via de maior desenvolvimento, a Alemanha para se garantir os mercados estrangeiros não exitava em fazer sacrificios! No espirito alemão surgiu um dia a ideia do *dumping* e o povo quclo descobriu soube, como mais ninguem saberia pô-lo em pratica. O *dumping* é uma organisação economica de tal ordem que os productos fabricados na Alemanha são vendidos nos mercados estrangeiros onde a concorrencia se faz sentir não só mais baratos do que na Alemanha, mas, o que é mais, até por um preço inferior ao seu custo de producção. O *dumping* é uma arma poderosa que a Alemanha tem manejado com habilidade para prejudicar os seus adversarios.

O *dumping* faz perder o consumidor a noção do verdadeiro valor das coisas levando-o assim a gastar mais do que lhe é necessario e, não passando dum processo desleal, fere de morte as industrias dos outros países que só poderiam vender pelos mesmos preços se recorressem aos mesmos processos.

A *falsificação* é tambem um processo alemão muito conhecido de todos nós. As imitações feitas na Alemanha, eram vendidas em larga escala em todo o mundo e por preços reduzidos, como se fossem os autenticos produtos. E as falsificações tornam os homens incapazes de distinguir o que é bom do que é mau ou mediocre; matam o ideal de perfeição, obliterem o sentido da *qualidade* e uma vez transportada a luta da concorrencia para o campo da *quantidade* ideal de força é evidente que a vitoria está assegurada á Alemanha.

E um povo que comercialmente recorre a falsificações e processos desleais de uma triste idéa de si, porquanto isso é um indicio de que a deslealdade, isto é, a perfidia e a mentira não repugnam a esse povo,

Ora para pôr um freio ás pessimas consequencias que o emprego do *dumpuig* e das *falsificações* podem vir a ter, mormente se continuar o seu emprego ilimitado depois da guerra, é preciso tomar medidas rigorosas e decisivas.

E' preciso voltar a velha teoria do *justo preço das coisas*. Já São Tomás dizia: *Carius vendere vel ullius emere rem quam valeat... injustum;* é isto precisamente o que os alemães fazem com o *dumping*. Este, de futuro devia ser proibido por todos os Estados, ou, pelo menos, cada Estado deverá sempre anular o *dumping* pela elevação equivalente dos direitos alfandegarios. De outro modo não só se perde a noção do verdadeiro valor, do *justo preço*, mas não ha industria nacional que resista.

Quasto ás *falsificações* o problema não é menos grave.

Seria muito lamentavel que os outros povos, e portanto nós latinos, fossem empregar contra a Alemanha as armas que ela maneja. O remedio deve ser outro.

A epoca do *livre cambismo* passou. Hoje volta a vigorar o proteccionismo, a intervenção do Estado. Lembrando o seu velho papel, o Estado deve voltar a garantir a qualidade das mercadorias. E, se já hoje não conviria obrigar as industrias a trabalharem segundo um modelo uniforme de perfeição, pelo menos o Estado devia impedir a industria de enganar o consumidor, vendendo por bom o que não passa de mediocre. As falsificações não podem ser legalmente admitidas, não se pode admitir que, segundo o dito popular, se venda descaradamente *gato por lebre*. Era exactamente isto que as leis outrora impediam e, custe a quem custar, urge fazer renascer o passado porque aí reside a salvação.

Monomania do regresso ao passado, dirão alguns imbecis ou mal intencionados que geralmente nos criticam por si a torto e a direito! Pois enganam-se! Não é mania, nem é sonho esta aspiração que aqui deixamos expressa.

São dum liberalista insuspeito, Guilherme Ferrero (*Le génie latin et le monde moderne*, pag. 45-46), as seguintes palavras com que terminamos: «Não temos nós visto, ha dois anos, voltar para junto de nós aquilo que se considerava como fantasmas de idades mortas para sempre: as leis sumptuarias; as limitações do comercio internacional e do consumo das mercadorias; a fixação dos preços e dos salarios? Não vimos nós, de repente, a economia, a poupança, a simplicidade, a redução das necessidades, serem de novo virtudes civicas, exaltadas, como nos tempos de Cesar e Augusto, pelos proprios que as queriam banir do mundo em nome do progresso? Oiçamos este testemunho de valor e meditemos-lhe a lição.

A. Campos Figueira.

Ramalho Ortigão

Em homenagem á memoria do grande escritor Ramalho Ortigão, vae erigir-se, por iniciativa do sr. Manoel Emilio da Silva, presidente da comissão da Hoteis da Sociedade Propaganda de Portugal, um modesto monumento no Gerez, precisamente no lugar onde o autor do *Culto da arte em Portugal*, costumava sentar-se e contemplar a paisagem sagrada de Portugal.

O sr. Raul Lino foi encarregado do projecto de construção de uns bancos artisticos para goso dos visitantes do Gerez. Esses bancos que já estão concluidos, conservam o caracter regionalista dos que foram feitos e inspirados nos Bancos do Claustro de Santa Maria de Boura.

Este verão ainda, os frequentadores do Gerez, terão ocasião de gosarem os melhoramentos que honram a Sociedade de Propaganda de Portugal, e perpetuam a memoria do grande escritor português que foi Ramalho Ortigão...

A' solta...

Divertido e zoologico o editorial de hoje, na folha de S. Roque, onde rabisca o sr. José do Vale e onde escreverie tambem o sr. Afonso Costa, o heroe dos elevadores do largo da Biblioteca e do Hotel do Porto, se tivesse mãos para isso...

Divertido e zoologico, porque os homensinhos afirmam que não vão ás eleições, porque não querem dono, para andarem á solta.

Mas no desejo histérico de voltarem á vida antiga, aos assassinios nos cafés, ás perseguições, aos essaltos a pessoas e a jornaes, os homensinhos do *Mundo*, querendo defender-se e encher-se de razão, comprometem-se e dão razão aos outros.

O *Mundo* quando diz que os partidos republicanos não se vendem a qualquer aventureiro feliz, belisca o sr. dr. Sidonio Paes, mas esquece-se convenientemente de que o sr. Bernardino Guimarães não é português.

Quem será mais aventureiro, o sr. Bernardino Guimarães, oriundo do Brazil, patricio de catatuas, (sem ofensa para todos os outros brazileiros que valem mais que o sr. Bernardino, e para valerem mais do que esta *caixinha das mentiras* basta não terem escrito uma pagina das *Notas de um pae*) ou o sr. Sidonio Paes que é português e que por isso tem mais direitos sobre Portugal do que qualquer homemsinho, que aí chegue, á cata de qualquer coisa, com o chapeu na mão?

Nós, monarquicos, não reconhecendo a republica, não podemos reconhecer por isso o mesmo o sr. Bernardino Machado, filho da farça ignobil das urnas, e o sr. dr. Sidonio Pais, saído de uma revolução. Mas a termos por cá um dos dois, nós que combatemos a *União Iberica*, preferimos o sr. Sidonio Pais, porque sempre que o brazileiro Bernardino está em Belem, ficamos com a impressão de que temos á frente dos nossos destinos a decantada intervenção estrangeira.

Mas a gente do «Mundo» prefere o sr. Bernardino, para andarem á solta...

E que ladrem á lua.

Ataque alemão ao sector português

Segundo telegramas insertos nos jornaes, verificamos que os alemães, depois de um violento bombardeamento, atacaram na manhã do dia 9 as posições anglo-portuguêsas desde o canal de La Bassée até ás proximidades de Armentières.

Depois de um violento combate, que durou todo o dia,—e por aqui se vê a admiravel resistencia das nossas tropas, os portuguêses tiveram que recuar, bem como os ingleses, na outra ala. As aldeias de Richebourg, Saint-Vaast e Levantie foram tomadas pelo inimigo. A luta continua ainda.

Um comunicado oficial alemão dá conta da tomada de 100 canhões e 6:000 prisioneiros.

Sangue português!

Ha sangue português derramado,—sangue de expiação, sangue de gente moça. Curvemo-nos com dolorosa piedade diante do vento de desgraça, que desdobra as suas azas por sobre nós, e que o nosso coração se alle ao coração de tantos, batendo fortes, batendo em sobresalto,— num sobresalto de tristeza e de ancieda-de. Toca-nos de perto a tragedia da guerra,—agora mais do que nunca insaciavel no seu furor de matança. Sangue português, —sangue de resgate! Que ao menos ele floresça em promessas de ressurreição e que o sacrificio possa quebrar no purgatorio da raça a lei de ferro da fatalidade que ha um seculo nos esmaga inexoravelmente!

Arquivo das colonias

Recebemos dois números desta interessante e util publicação, referentes aos mêses de fevereiro e março. Muito agradecemos.

A paixão das trincheiras

Cordeiro dos pecados duma raça,
tu és o portador da nossa cruz!
Ao teu calvario sobre a noite baça,
quanta agonia, quanta, lá conduz!

No circulo de morte que te abraça,
a treva te embrulhou no seu capuz.
Mas sobre ti o olhar de Deus perpassa,
cobrindo-te esse gólgota de luz!

Crucificado como te imagino,
o sangue que nasceu p'ra nos salvar,
ei-lo correndo sobre um campo alheio...

Por obra misteriosa do destino,
fôste remir um crime secular
á terra sem perdão donde ele veiu!

Antonio Sardinha.

O Integralismo e a lavoira

A adesão de Luis Ramos

Na agricultura portuguêsa Luís Ramos é possuidor dum nome sobejamente conhecido, Espirito claro e recto, competencia provada na administração duma das maiores casas do Ribatejo, Luís Ramos é tambem uma inteligencia a quem o seu dever social preocupa. a quem preocupa o problema momentoso da salvação de Portugal. A sua firmeza politica está já inscrita nos anaes das prisões da republica pela fé intrépida e pela coragem altiva em que soube, através de tudo, manter a intransigencia das suas convicções.

Compreende-se assim o alvoroço festivo com que foi acolhida por nós a adesão de Luis Ramos no *Integralismo*.

A nossa cruzada avança — e triunfa precisamente nos meios onde as responsabilidades do passado não pesam como uma culpa difícil de remir. E' um exemplo frisante o que nos oferece a carta de Luiz Ramos. Publicamo-la na extraordinaria vibração que a aquece toda, prestando desta forma a nossa melhor homenagem ao bom camarada que tão inflamadamente nos procura. E' como segue:

Sr. Dr. Antonio Sardinha

Lisboa

Desapareceram de todo do meu espirito as pequenas duvidas sobre as doutrinas integralistas, e por isso me apresso a pedir-lhe para me assentar praça nas fileiras d'esse valoroso exercito. Espero em Deus que, quando o clarim soar, não serei dos ultimos a entrar na forma. Com muitos cumprimentos peço me creia com a maior consideração e estima

De V.

Am.º Att.º Ven.º

Luiz Augusto da Costa Ramos

Conhecidos os termos em que Luís Ramos se inscreve combatente da nossa hoste, somos nós que nos felicitamos pelo extraordinario reforço que a sua entrada no *Integralismo* representa para conosco. Português de raça,—dos de gema,—a sua energia infatigavel junta-se á nossa. Devagar iremos crescendo, até que o nosso bloco não seja mais que a Nação unida,—na frase admiravel do grande comandante da Galiza!

OS FERRO-VIARIOS

O conflito ficou hontem solucionado

Ficou hontem resolvida a questão dos ferro-viarios da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes sendo atendidas as suas reclamações na maioria.

O caso ficou definitivamente deliberado á noite, depois duma segunda conferencia com o sr. ministro das subsistencias. As reclamações atendidas são as seguintes:

Subvenções 12$000 réis por mez para os ordenados até 60$000 réis e 9$000 para os ordenados superiores aquela quantia.

Regulamentação de horas de trabalho. O pessoal das estações terá 10 horas de serviço por dia para efeito de abono de horas extraordinarias. Foram-lhe tambem concedidas folgas livres.

As promoções do pessoal graduado desta classe serão feitas por escolha e por antiguidade, sendo a escolha feita no terço superior da escala.

O passe só será concedido depois da guerra e aos empregados que tiverem mais de 5 anos de serviço.

Foram satisfeitas as aspirações do pessoal das oficinas e em parte as do pessoal dos escritorios.

O pessoal da via terá folgas livres, sendo concedidas pelos respectivos chefes.

Aos guardas-freios que desempenharem as funções de conductores ser-lhes-ha pago um ordenado equivalente ao dos conductores de 2.ª classe.

Os comboios mixtos serão considerados comboios de mercadorias para o efeito do percurso quilometrico.

Os empregados que vivam em comunidade com as empregadas terão um abono de 3$500 réis e os restantes efectivos 5$000 réis.

Dr. David Serras

Visitou-nos este nosso presado amigo e camarada de *O Independente* de Abrantes. O dr. David Serras, que concluiu o ano passado a sua formatura em Direito, é um espirito cheio de viveza e brilho, destinado, sem duvida, ás mais belas afirmações. Agradecemos a sua gentileza, retribuindo-lhe gostosamente os seus cumprimentos.

Aspectos politicos

Gréves

Vae talvez parecer extranho que numa secção politica se venha tratar de um assunto de mero caracter economico — dir-nos-hão.

A explicação é simples. E' que as gréves se bem que de caracter economico — e nem sempre assim sucede — teem tambem o seu aspecto politico.

E seja-nos permitido declarar desde já — para infundar malevolas intenções — que não se pretende aqui fazer politica (no mau sentido) com qualquer das gréves que se esboçam. Ora pois...

Foi em tempos concedido o direito á greve e de então para cá, estas teem-se sucedido com uma frequencia sempre crescente a pontos de ultimamente ser rara a quinzena que passa, sem uma greve em aberto com duas ou três em perspectiva. Consequencia fatal do encarecimento da vida — dirão as pessoas de raciocinio simplista. Mais devagar ilustres senhores. Certamente o encarecimento da vida tem sido sempre um factor dinamico muito poderoso na questão das gréves, mas o que não é menos certo tambem é que muitas delas poder-se-hiam ter evitado se da parte das classes trabalhadoras houvesse por vezes um pouco mais de ponderação e serenidade. O mal tem sido, olhar a greve como meio mais facil e meio primeiro, quando é certo que a greve só se torna legitima em casos muitos raros e depois de se terem esgotado todos os meios conciliatorios.

E na questão ferro-viaria que agora se debate, nunca a serenidade e ponderação foram tão precisas. Felizmente que ainda ha alguem adentro da classe ferro-viaria com uma justa compreensão desta necessidade. O sr. Julio Bertho Ferreira em carta aberta dirigida aos seus colegas de trabalho e publicada no «Diario de Noticias» ao mesmo tempo que aconselha prudencia, expõe á consideração da classe ferro-viaria estas justas e nobres palavras:

«E' imprescendivel o cuidado de não fazermos entre os nossos irmãos mais victimas do que tem havido. *E' necessario não perder de vista a responsabilidade que nos cabe na conservação e defesa dos interesses sagrados e legitimos da vida normal dum país inteiro.*»

Eis a questão posta no seu verdadeiro pé.

Num momento gravissimo para a nacionalidade como é iniludivelmente o presente, toda a greve seja ela qual fôr, que venha pôr em risco o interesse d'Estado, só pode merecer reprovação, porque é injustificavel, porque é ilegitima.

Não se trata agora de saber se fundamentadamente os ferro-viarios teem razão. Podem mesmo tê-la. Mas isso não lhes dá o direito a que sobreponham, a que sacrifiquem ao seu interesse individual, mesmo ao seu interesse de classe, os interesses de todo o país.

E assim a gréve ferro-viaria será ilegitima porque propondo-se alcançar um beneficio para a sua classe, começa por calcar os interesses de toda a Nação, determinando perturbações economicas e politicas que podem pôr em sério perigo a vida da Patria como estado livre.

Nestas circumstancias ainda que as reclamações ferro-viarias fossem justas, desde o momento que a gréve seja um facto, ao governo pertence remediar a situação por todos os meios, e desde que a gréve tome um caracter violento — e pouco importa o motivo — o mal de uma repressão energica será incomparavelmente menor que o mal que resultaria, por exemplo, da indisciplina e da desordem toleradas deante dos aliados que nos olham atentos e de visinhos ambiciosos que esperam uma oportunidade.

E aqui não ha logar para duas opiniões. Trata-se antes de mais nada de salvar um país.

Já agora convem apontar um exemplo, que nos traz pelo menos dois ensinamentos.

Em 1908 surgiu na Suiça, no cantão de Vaud, a questão das reformas populares. A assembleia legislativa de Vaud, tendo de escolher entre o seguro geral e obrigatorio e o seguro facultativo garantido pelo Estado e subvencionado por ele, preferiu o ultimo sistema.

E foi estabelecida a «Caixa cantonal de reformas populares».

Logo que esta lei foi votada os sociologos do cantão de Vaud celebraram-na como uma conquista do progresso social. Para alguns, parecia estar assegurada uma éra de paz, e os jornaes suiços felicitavam o estado de Vaud de ter comprendido tão bem as necessidades economicas do tempo presente. Passadas semanas rebentaram gréves violentas em Vevey e em Orbe. Os operarios das fabricas de chocolate, descontentes por verem que as suas reivindicações não recebiam satisfação, fizeram apelo aos sindicatos. O primeiro acto dum destes sindicatos foi exigir a reintegração de dois chefes de officina. Como os patrões se recusassem a ceder, os operarios puzeram-se em gréve.

Pediam a diminuição das horas de trabalho, um salario minimo, a supressão do trabalho por peças.

Eram reivindicações puramente economicas. Mas a 26 de março a scêna muda. Os chefes do partido socialista fazem apêlo á solidariedade dos outros syndicatos e procuram organisar uma greve geral Alguns agitadores pregam encobertamente «a ação directa» e os grevistas excitados — chocolateiros, padeiros, pintores, serralheiros, marceneiros, typographos — abandonam as oficinas. A autoridade cantonal viu que os peiores anarquistas começavam a entrar no movimento, excitando os operarios a vias de facto. As tropas foram iquipadas, e graças a uma repressão rapida e geral, a ordem e a liberdade de trabalho foram prontamente restabelecidas. E' conveniente notar — e os socialistas não se esqueceram de fazê-lo — que os milicas suiços se comportavam nestas greves como soldados alemães.

A disciplina dos soldados suiços respondeu com viveza ao apêlo dos chefes; as suas ordens foram instantaneas e energicamente executadas; a união era completa entre a autoridade militar e a autoridade civil.

Ora esta greve sugere uma dupla conclusão. Qualquer que seja a legislação obreira e as instituições economicas creadas num país, parece difícil impedir os conflitos mas importa recorrer imediatamente á arbitragem; o que é preciso procurar, são soluções rapidas e pacificas e não recorrer á greve como meio mais facil.

Uma outra conclusão a reter é que no caso de greve revolucionaria, ou violenta, a autoridade civil apoiada no exercito, deve imediatamente, como no cantão de Vaud, abater a cabeça, expulsar os meneurs estranhos e fechar o local donde partem as ordens revolucionarias.

D' A. C.

Bailados em S. Carlos

Abriram hontem de novo as portas do velho teatro de S. Carlos, que reviveu os seus antilhos e saudosos tempos de elegancia e arte.

Encheu-se por completo a bela sala de esta casa de tão nobres tradições, com um publico selecto, que assistiu a um dos mais notaveis espectaculos que se tem levado a efeito nestes ultimos anos.

A senhora D. Helena da Silveira de Vasconcelos e Sousa, filha dos senhores marquezes de Cadaval e Melhor, foi a ilustre organisadora dos *Ballados* que hontem se dançaram, com o concurso de talentosas e gentis colaboradoras e dos srs. Rui Coelho que compoz linda e sugestiva musica para o *Ballado do encantamento* do sr. dr. Martinho Nobre de Mello, do arquitecto Raul Lino, do pintor Almada Negreiros que foi o coreografo dos ballados, e do arquitecto José Pacheco que pintou os scenarios.

Vingou-se hontem o teatro de S. Carlos que parecia votado ao esquecimento e a arte de somenos, e fizeram-se revelações notaveis que honram a puomotora dos *Ballados* e os seus autores e interpretes.

Festas de caridade

Uma festa em beneficio dos mutilados da guerra

E' composta pelos srs. dr. Alfredo da Cunha, Alfredo Silva, Antonio Maria Belo, Anton o Serrão Franco, conde de Arnoso, maestro David de Sousa, dr. Joaquim Nunes Mexia, José Graça, José Henriques Totta, Luiz Gama, emprezario Luiz Pereira e dr. Tomaz de Melo Breyner a comissão que na tarde do proximo domingo, 21, se propoz realisar, no teatro Politeama, um grande concerto sinfonico em favor dos mutilados da guerra portuguezes.

Reuniu-se ontem a comissão de senhoras que vão organizar uma festa no teatro Republica, cujo produto reverterá a favor dos sanatorios para empregados tuberculosos dos Caminhos de Ferro do Estado.

Na reunião, que se realizou em casa da sr.ª D. Madalena Patricio e esteve muito concorrida por senhoras da nossa primeira sociedade, ficou definitivamente assente o programa da festa, que deve resultar brilhantissima.

Teem sido muito procurados os bilhetes, de cuja venda tiveram a gentileza de se encarregar as senhoras condessa de Castelo Mendo, D. Berta Ortigão Ramos, D. Cecilia de Sousa Rego e D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha.

Liga Nacional

Junta Local de Coimbra

Ao sr. Conde de Bertiandos, ilustre presidente da Junta Nacional, foi dirigido o seguinte telegrama:

«Instalada Junta Local Coimbra sauda V. Ex.ª e assegura dedicada colaboração — José Bruno, Carneiro Pacheco, Magalhães Colaço, Barros Cunha, Coelho Sobral, Rodrigo Sousa Pinto, Vaz Serra, Visconde Fijó, Adrião Moura, Fernandes Pinto, Costa Lobo, presidente».

A nova Junta Local da Liga Nacional, que tem a ilustra-la nomes dos mais insignes da nossa primeira Universidade, vai ocupar-se da organização de novas Juntas em todos os concelhos do districto.

Organização no norte

Estão trabalhando activamente na organização das Juntas Locais da Liga Nacional no norte do País, entre outros, os srs. dr. A. Pinheiro Torres, dr. J. J. Vieira Ramos, Conde de Azevedo, dr. Eugenio da Cunha Pimentel, etc.

Habitações operarias

O sr. João Perestrelo já entregou á 2.ª secção da Junta Nacional um esboço completo de um projecto de lei para a creação do «Serviço Nacional de Saudade e Habitação Popular» como base da discussão de que deverá sair o projecto definitivo na proxima reunião da secção.

Medidas de ordem publica

Foi expressamente proibido que os marinheiros frequentem os cafés da Mouraria, sendo presos quando ali forem encontrados.